

Interdisciplinaridade e complexidade na Ciência da Informação: análise de possíveis contextos de formação e exercício profissional

Marivalde Moacir Francelin (USP) - mfrancelin@yahoo.com.br

Resumo:

Analisa a relação entre interdisciplinaridade e complexidade na Ciência da Informação como contextos de formação e exercício profissional. Utiliza o método exploratório, com base em revisão bibliográfica. A visão limitada ao campo interdisciplinar é o problema de partida. Levanta a hipótese de que a interdisciplinaridade não pode ser considerada um paradigma na perspectiva da complexidade, mas um de seus elementos constitutivos. Relaciona o debate epistemológico sobre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum à questão disciplinar. Conclui que o “paradigma da complexidade” agrega ciência, sociedade e ambiente em uma ordem natural e real que precisa ser discutida no universo teórico e prático da informação.

Palavras-chave: *Interdisciplinaridade. Complexidade. Ciência da informação. Profissional da informação.*

Área temática: *Temática II: Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação*

Interdisciplinaridade e complexidade na Ciência da Informação: análise de possíveis contextos de formação e exercício profissional

Resumo: Analisa a relação entre interdisciplinaridade e complexidade na Ciência da Informação como contextos de formação e exercício profissional. Utiliza o método exploratório, com base em revisão bibliográfica. A visão limitada ao campo interdisciplinar é o problema de partida. Levanta a hipótese de que a interdisciplinaridade não pode ser considerada um paradigma na perspectiva da complexidade, mas um de seus elementos constitutivos. Relaciona o debate epistemológico sobre o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum à questão disciplinar. Conclui que o “paradigma da complexidade” agrega ciência, sociedade e ambiente em uma *ordem natural e real* que precisa ser discutida no universo teórico e prático da informação.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Complexidade. Ciência da informação. Profissional da informação.

Área Temática: Tema II: Transcompetências: diferenciais dos usuários e do profissional da informação.

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é analisar a interdisciplinaridade e sua relação com a complexidade. Colocamos em pauta a discussão da noção de interdisciplinaridade, ao mesmo tempo, como obstáculo e como eixo de desenvolvimento científico. Desta forma, procuramos indicar possíveis desvios na adoção de um paradigma interdisciplinar como norma para a formação e para exercício profissional em Ciência da Informação. Tentamos colocar em debate quais paradigmas devem ser revisados a partir de uma crítica contundente, sem preconceitos, buscando esclarecimento e, principalmente, destacando divergências.

Defendemos que a complexidade não é um método, mas uma forma de lidar com as relações humanas em contextos *reais*. Tratando da importância da base conceitual para a formação profissional, Smit e Barreto (2004, p.12, 17) dizem que a realidade é “[...] um espaço aberto, livre, raro e surpreendente, onde a esperança se inscreve nas zonas mais profundas de cada ser humano.”, onde se possa “atravessar” para outras realidades, num constante movimento de “renovação”. Smit e Barreto não estão falando da complexidade, mas partiremos desta definição para sugerir que a complexidade não pode implicar unicamente num paradigma. A

metáfora do "paradigma da complexidade" congrega paradigmas que compõem o universo complexo, pois, emanam dos conhecimentos científicos e do senso comum. Respectivamente, ciência e senso comum estão ligados às noções de paradigma e ética, mas procuramos deslocar essa tendência para o conhecimento do senso comum, levantando a hipótese de além de uma ética, ele também é definido por paradigmas e relações disciplinares num contexto particular, porém, não isolado.

Entendemos, portanto, que é possível explorar novos contextos de formação de conhecimento. Nesse sentido, acreditamos que a emergência dos saberes chamados "periféricos" já estava presente nas preocupações com os contextos da informação, porém, a visão de recepção "passiva" evoluiu, através de um processo de crítica epistemológica dos fundamentos do próprio conhecimento, para a produção participativa em complexos sistemas contextuais definidos nas relações "sócio-ambientais".

2 CONTEXTOS DAS RELAÇÕES DISCIPLINARES E PROFISSÃO

Uma nova constituição dos saberes está sendo requisitada no século XXI. Ela exige que o conceito clássico de ciência seja modificado e contemple elementos humanos e sociais, e não apenas naturais, enquanto legitimadores de uma ciência válida. Mesmo assim, em ambos os casos, o conceito de ciência ainda é secular, pois, buscamos as relações disciplinares, mas, ao mesmo tempo, queremos ter um "núcleo duro", geralmente atribuído à área (*hard sciences*) das ciências naturais, mas não somos uma área que pesquisa objetos naturais e nem podemos estabelecer a cristalização de um conjunto de disciplinas e muito menos de seus conteúdos. Através da não cristalização, a interdisciplinaridade¹ se efetiva, ou seja, as relações disciplinares para acontecerem de fato e consolidarem-se na prática devem acontecer, justamente, nas disciplinas consideradas "núcleo" e não apenas nas periferias disciplinares.

Talvez seja necessário entender que o conceito de "núcleo duro" não se aplica às ciências humanas da maneira como é entendido nas ciências naturais,

¹ Além de não ser nosso objetivo, consideramos a existência de vasta literatura sobre a interdisciplinaridade justificativa pertinente para não elencar definições, históricos e doutrinas. Dentre essa literatura destacamos os livros de Japiassu (1976) e Fazenda (2008a; 2008b). Para discussões do conceito, suas relações e funções teórico-metodológicas da interdisciplinaridade na Ciência da Informação, podem ser indicados, entre outros, os trabalhos de Pinheiro e Loureiro (1995), Saracevic (1995), Pinheiro (1999), Gomes (2001), Pombo (2005), Smit e Tálamo (2007) e Souza (2011).

pois, uma disciplina, interdisciplinar por natureza, possui, por exigência de seu objeto de pesquisa e pela modernidade que acompanha seus princípios teóricos e científicos, *identidades constitutivas flexíveis*. A mobilidade que envolve a Ciência da Informação é intrínseca aos seus próprios fundamentos epistemológicos. Isto quer dizer que há uma evolução no próprio conceito de ciência na área, demonstrando que podemos nos relacionar com outras disciplinas das ciências naturais, além das ciências humanas e sociais, mas que não podemos tomar de empréstimo suas *identidades*.

A identidade disciplinar da Ciência da Informação é interdisciplinar, portanto, ela é constituída por um conjunto de identidades que precisam ser extremamente dinâmicas para dar conta de seu objeto de pesquisa, garantindo, assim, sua própria sobrevivência. A Ciência da Informação é, dessa maneira, fundamentada em uma complexa malha de relações não casuais que, em seu conjunto, formam uma *sólida* base de competências profissionais e científicas. Paradoxalmente, temos a consciência de que, para a manutenção desta “solidez”, é necessária muita flexibilidade e, cada vez mais, manter distância do engessamento resultante do ideal clássico de “uma única” unidade científica – é necessário compreender a Ciência da Informação como uma ciência contemporânea, que se baseia em pressupostos de uma ciência (nova) dinâmica, plural, complexa e pluridimensional. Caso contrário, os fundamentos inter e transdisciplinares, estabelecidos em uma linha paradigmática “nova”, perderiam o sentido. Nesse caso, é possível dizer que não se espera, efetivamente, chegar a uma “*hard science*”, pois, é a sua procura que está dando à Ciência da Informação uma forma de estruturar-se, enquanto ciência, original, particular e global ao mesmo tempo.

É interessante notar que os movimentos chamados transversais e/ou plurais acontecem nas disciplinas consideradas núcleos e não em suas “periferias” apenas, mantendo, quase sempre, relações e influências mútuas. Vale lembrar que a segurança paradigmática de um núcleo *fixo* é importante como critério clássico de uma ciência rigorosa, com objeto e metodologias próprios e definidos, porém, como a própria história demonstra, em vários níveis, todo sistema hierárquico, unitário e autoritário sufoca a liberdade e a criatividade, fazendo com que os grupos científicos e profissionais ou até mesmo indivíduos isolados, desliguem-se da base, construam seus próprios universos científicos e profissionais. Muitas linhas de pesquisa, disciplinas e até áreas científicas foram criadas e desenvolvidas dessa maneira – um

movimento que se considera natural e necessário quando nos referimos ao conhecimento nos séculos XX e XXI. Isso, talvez, seja o resultado do que López-Huertas (2007, p.3), no campo da organização do conhecimento, chama de “nova unidade” disciplinar construída através de uma interdisciplinaridade voltada para a inter-relação “orgânica dos conceitos de diversas disciplinas”.

Por outro lado, podemos dizer que, enquanto não há um paradigma fixo estamos em permanente risco dentro dos conjuntos paradigmáticos que constituem a Ciência da Informação, mas, a liberdade, mesmo que dada e controlada no âmbito da pesquisa científica, é o principal elemento de responsabilidade e de conscientização teórica, metodológica e epistemológica, opondo-se ao comodismo da “antiga e dura” unidade paradigmática.

Nesse sentido, existem algumas diferenças entre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, sendo que, a primeira, segundo Japiassu (2006, p.41), “[...] desloca o centro em direção às fronteiras. Mas só o transdisciplinar instaura uma visão globalizante: neutraliza a oposição centro-fronteira.” O autor ainda diz que para atingir essa “visão globalizante”, mesmo que ela também seja discutível, é necessário encontrar paradigmas comuns entre as disciplinas através de um recorte transversal que indicaria uma “hiperdisciplina”. Essa hiperdisciplina pode ser entendida como um conjunto de traços constitutivos que atravessam outras disciplinas distintas. Exemplos de tais traços, que Japiassu chama de paradigmas, são: “[...] a simetria, o signo, a linguagem, a crise, o paradoxo, o modelo, o algoritmo, o sistema e a complexidade.” E os exemplos de hiperdisciplinas ficam, segundo o autor, por conta da semiótica, da linguagem, dos modelos matemáticos e da teoria geral de sistemas.

Não seria exagero então dizer que existem traços “hiperdisciplinares” na Ciência da Informação, especialmente quando tomado como ponto de partida o objeto informação. Esses traços são verificados em uma ampla e variada literatura², pois, trabalhamos com paradigmas complexos, temos relações estreitas com diversas disciplinas e precisamos colocar todo esse conhecimento teórico possível como critério epistemológico para avaliação do exercício profissional (GARCÍA MARCO, 2004). Por isso, Morin (2002a, p.106) chama a atenção para uma “mentalidade hiperdisciplinar” que pode transforma-se em “[...] uma mentalidade de

² Por exemplo, em trabalhos como os de Butler (1971), Gomes (1980), McGarry (1999), Aquino (2002), Robredo (2003), Toutain (2007), Capurro e Hjørland (2007) e Logan (2012).

proprietário que proíbe qualquer incursão estranha em sua parcela de saber.”, isolando e negligenciando a relação com outras disciplinas.

3 MODIFICAÇÕES NO CAMPO INTERDISCIPLINAR

Vivemos um período coroadado pelas radicais modificações em torno, primeiro, da concepção de ciência e, por extensão, do próprio conhecimento e, segundo, da legitimação dos processos e procedimentos metodológicos e epistemológicos que estão na base deste conhecimento e desta ciência . As formas tradicionais de legitimação do conhecimento científico passaram, ao longo das últimas décadas, por meio de um processo de des-construção que ainda não terminou.

Ao mesmo tempo em que muitas disciplinas estavam se re-estruturando, outras surgiram, às vezes, dos próprios fragmentos de disciplinas tradicionais, às vezes, pela junção de fragmentos distintos. Na re-constituição de alguns campos do conhecimento, elementos, antes ignorados, foram reagrupados, trazendo consigo novas dimensões metodológicas e epistemológicas.

Este é um processo inacabado, que passou por muitas especulações a partir da emergência do conceito de interdisciplinaridade. Por outro lado, podemos notar avanços no amadurecimento crítico sobre a interdisciplinaridade que permitem uma distinção entre o ideal interdisciplinar e o interdisciplinar de fato.

Pensando, já, no interdisciplinar de fato, distinguimos, pelo menos, quatro variantes básicas e necessárias para qualquer abordagem crítica da interdisciplinaridade atualmente. São elas: a complexidade, o senso comum, a ética e a paradigmática.

Em tais esferas a interdisciplinaridade ganha nova configuração teórica, metodológica e, por extensão, epistemológica, garantindo uma resposta coerente e consciente dos distintos campos de pesquisa da Ciência da Informação e reforçando uma atitude pragmática de alto nível, tão cobrada às *profissões* e aos *profissionais da informação* (MUELLER, 2004), nos últimos anos, pelos agentes da epistemologia da área.

4 A COMPLEXIDADE

Não se pode caracterizar a sociedade atual como inteiramente fragmentária, nem mesmo como um ambiente “sem sentido”, o que existem são centros e periferias e o sentido pode estar relacionado ao capital e ao poder por um lado e, por outro, à sobrevivência. Formam, assim, dois grandes e díspares conjuntos de sentido que não podem mais ser considerados como fragmentos de uma mesma estrutura, mas sim como elementos que possuem (desenvolveram) características próprias, relacionando-se sim, mas por uma intrincada rede de complexidade que não é determinada pela subordinação.

As chamadas *periferias do conhecimento* não são “vazios de conhecimento”³. Elas estão se estruturando por elas mesmas, criando unidades marginais em redes, onde desenvolvem seu conhecimento e sua cultura cada vez mais distantes da cultura e do conhecimento praticados pelos grandes centros. Isto dá uma nova configuração para a sociedade. Demonstra que os grupos subalternos estão se organizando e criando uma consciência coletiva bem mais presente na sociedade em geral.

Além disso, e das já citadas necessidades de relações inter-multi e transdisciplinares⁴, é necessário, segundo Morin (2002a, p.115), “[...] ‘ecologizar’ as disciplinas, isto é, levar em conta tudo que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se.” Para o autor é necessário ultrapassar as disciplinas e, ao mesmo tempo, conservá-las através do que denomina de “meta-disciplinar”. Morin continua dizendo que “Não se pode demolir o que as disciplinas criaram; não se pode romper todo o fechamento: há o problema da disciplina, o problema da ciência, bem como o problema da vida; é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo aberta e fechada.” Essa é uma consciência extremamente

³ Expressão usada por Menou e Mchombu (2004, p.129) como referência às “comunidades desfavorecidas”. Nós a adotaremos numa perspectiva mais ampla.

⁴ Não discutiremos a transdisciplinaridade, mas consideramos importante destacar a sua importância como “[...] postura de reconhecimento onde não há espaço e tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar – como mais corretos ou mais verdadeiros – complexos de explicação e convivência com a realidade que nos cerca.” (D’AMBRÓSIO, 2009, p.9 e 15). Os fundamentos teóricos da transdisciplinaridade, segundo D’Ambrósio, são construídos sobre a análise dos processos de “geração, organização intelectual, organização social e difusão do conhecimento.”

necessária à concepção de complexidade, pois, deixa claro que não se propõe uma abertura *absoluta*.

Analisando a complexidade enquanto pensamento complexo, temos uma situação muito próxima da chamada transdisciplinaridade. Se a pesquisa transdisciplinar vai além das relações disciplinares, contextualizando-se em níveis de “esquemas cognitivos” (JAPIASSU, 2006, p.39), sua relação com a complexidade torna-se mais adequada e fecunda. Por outro lado, a ideia de integração, presente nos fundamentos da complexidade, não permite que apenas o pensamento transdisciplinar seja a base para a construção teórica e metodológica do conhecimento atual. É o próprio Morin (2002a) que, ao referir-se às relações disciplinares, usa a construção *inter-poli-transdisciplinaridade*, além de *inter-multi-trans-disciplinaridade*, indicando que, apesar das dificuldades conceituais em torno desses termos, é necessária a relação de seus princípios como fundamentos *comuns* às ciências.

Essa ideia expõe, de fato, a dinâmica de um pensamento transversal sem os perigos de transformação hiperdisciplinar, indicada por Japiassu (2006) e criticada por Morin (2002a) em suas respectivas perspectivas e linhas de abordagem.

A transversalidade, nesse sentido, pode ser identificada na complexidade com o que Morin, em outro momento, irá chamar de “nova transdisciplinaridade” em oposição à noção de interdisciplinaridade que pouco “unifica” e mais fragmenta e confunde, propondo “magras trocas”, confirmando e fortalecendo as fronteiras disciplinares ao invés de destruí-las. Para o autor, “*A ciência nunca teria sido ciência se não tivesse sido transdisciplinar.*” (MORIN, 2002b, p.135-136, grifo do autor).

Então, poderíamos dizer que uma nova maneira de se entender a transdisciplinaridade também exige uma nova ciência. Para o momento uma “nova ciência”, além dos fundamentos e paradigmas estabelecidos na “revolução” científica do século XX, reconduz um elemento que há tempos havia sido eliminado dos ambientes produtores de saberes e conhecimentos válidos, ou seja, o *senso comum*.

5 O SENSO COMUM

Uma iniciativa marcante na ciência contemporânea é a do restabelecimento do senso comum como categoria de conhecimento possível, ou seja, o senso comum figurando ao lado da ciência como conhecimento válido.

Suficientemente discutidos na literatura de modo geral, mas, infelizmente, ausentes na formação acadêmica e profissional, o conhecimento do senso comum e o conhecimento científico (SANTOS, 2001; 2005) estão cada vez mais “próximos”. Proximidade firmada não apenas conceitualmente, mas, principalmente, pela renúncia da legitimidade do conhecimento científico como único conhecimento verdadeiro, com objetos, teorias e metodologias próprios. Mas há uma reaproximação da ciência com o senso comum ou o que está acontecendo é apenas a identificação do senso comum como uma forma de conhecimento, assim como o filosófico e o religioso?

É importante distinguir estas questões, pois elas são fundamentais para entender se, realmente, está acontecendo um movimento de mudanças substanciais em torno do conhecimento científico e, por extensão, sobre a própria ideia de ciência ou se as mudanças estão no modo de se referir ao senso comum apenas como mais um modo de produção de conhecimento.

Se identificarmos o conhecimento do senso comum apenas como mais um tipo de conhecimento, isto em nada acrescenta à discussão sobre a sua validade enquanto elemento transformador da realidade, ou seja, a hipótese de que a comunidade/sociedade (comum/periférica) possui autonomia para modificar-se e desenvolver-se através de suas próprias necessidades e vontades, não se verifica como verdadeira, pois, o conhecimento que a transforma e a “desenvolve” não é produzido por ela.

Mesmo assim, teríamos outra situação que merece ser pensada: se o senso comum for considerado como conhecimento científico e/ou válido, ele também poderia ser tratado por vias *inter-multi* e *transdisciplinares*, estando calcado em paradigmas. Mas como seria um conhecimento do senso comum interdisciplinar? Ou, quais conceitos de paradigma poderiam ser aplicados a comunidades não-científicas?

É claro que o conhecimento do senso comum não pode ser considerado um conhecimento de relações disciplinares como o conhecimento científico, pois, seu campo de noções não é definido e limitado como o de áreas “articuladas” do conhecimento. Também, o senso comum não poderia seguir paradigmas no sentido kuhniano, pois, aos últimos faltam componentes éticos, quase ausentes na formação dos campos disciplinares, porém, fundamentais aos contextos interdisciplinares e complexos.

6 A ÉTICA

Seria difícil dizer se, ao longo da história, houve momento tão necessário para a presença constante da ética e, ao mesmo tempo, no qual ela fosse tão pouco discutida. Vive-se uma reavaliação dos saberes por causa das novas configurações da ciência e das tecnologias em um mundo que se comporta, às vezes como uma rede multifacetada, às vezes como um conjunto de fragmentos dispersos e sem sentido.

O dilema ético da interdisciplinaridade e da complexidade reside, justamente, no fato de ser a interatividade produtiva ou não. Faz sentido discutir ética em um contexto interdisciplinar? A resposta parece fácil: sim.

A ética não parece ser um conceito de aplicação uniforme e muito menos "universalizante", pois suas características irão corresponder às necessidades culturais, políticas, econômicas, sociais de determinada região ou povo. Por outro lado, apenas com características marcadamente locais é possível uma relação em âmbito global que possa ser produtiva, ou seja, não adianta fazer relações disciplinares se não há identidade entre as disciplinas e entre estas e o "meio" (MORIN, 2005). Mesmo assim, talvez as identidades disciplinares não sirvam para outra coisa senão para ressaltar nossas próprias diferenças.

Ser ético diante da interdisciplinaridade e da complexidade é reconhecer-se enquanto disciplina autônoma, assim como reconhecer a autonomia alheia. Em outras palavras, a relação da ética, da interdisciplinaridade e da complexidade reside, por paradoxal que isto possa parecer, nas manifestações das *identidades*.

A transdisciplinaridade exige um posicionamento ético não apenas diante de pessoas, grupos ou mesmo disciplinas, mas diante do que se produz em termos de conhecimento científico e de como se produz. Uma ética transdisciplinar é conduzida pelos paradigmas construídos em áreas, como a Ciência da Informação, que procuram, ao mesmo tempo, dar conta de uma necessidade teórica e metodológica, representar fenômenos que envolvem seu objeto de estudo e criar uma consciência (individual e coletiva) sobre suas responsabilidades diante dos conteúdos disciplinares, des-construídos e construídos, que fazem parte de seus princípios fundamentais enquanto ciência, ou seja, uma ética deste tipo implica uma

epistemologia da ausência e um pensar e agir na complexidade, colocando em debate a emergência e a convergência de novos paradigmas.

7 O PARADIGMA

Como norma, a noção de paradigma se estabeleceu em muitas áreas do conhecimento, em especial na Ciência da Informação, a partir da necessidade, criada pela própria comunidade científica, de reconhecer-se em um *paradigma*.

O paradigma interdisciplinar foi logo reconhecido como fundamental para a ciência da Ciência da Informação. Não é por acaso que ela é “interdisciplinar por natureza”. No entanto, indicar a interdisciplinaridade como um paradigma parece *estranho*, pois, o interdisciplinar não agrega nada além de relações disciplinares. Ou seja, sua função é identificar elos da Ciência da Informação, por exemplo, com áreas afins. A caracterização destes “elos” não significa, necessariamente, que sejam paradigmas para a Ciência da Informação. Esta noção de “estranhamento” acaba afastando os profissionais das esferas de atuação por causa de concepções tomadas de empréstimo irrefletidamente.

Pode ser que isso tenha ocorrido em função da necessidade de se encontrar um *modelo* (noção, talvez incorreta, mas comum para paradigma) que lançasse a Ciência da Informação na pós-modernidade. Em pouco tempo muitos estudos surgiram, cabendo à década de 1990 situar boa parte deles. Porém, a identificação da “natureza interdisciplinar” (SARACEVIC, 1995) e o papel dos “fluxos extra-metodológicos e extra-científicos” colocam a Ciência da Informação num contexto bem próximo ao pós-moderno (WERSIG, 1993; DAY, 1996), mas marcadamente caracterizado pelo pensamento complexo.

Não queremos dizer que a interdisciplinaridade não é um paradigma, ela é um dos paradigmas, mas não “o” paradigma, nem o mais importante. Paradigmas (no plural) e não paradigma (no singular) é o que a Ciência da Informação possui. Por isso ela é inter-multi-transdisciplinar. Incorporamos teorias e metodologias de outras áreas através de amplos processos de des-construção, re-significação e prática que dão identidade e validam conceitos em nossa área. É, a partir destes conceitos, que representamos, numa determinada realidade, fenômenos relacionados à informação.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos, cada vez mais, envolvidos com a prática interdisciplinar. Os movimentos de relações disciplinares não cessam, pelo contrário, são cada vez mais estimulados, cada vez mais produtivos e menos criativos. Produtividade e criatividade se entrelaçam diante dos estímulos e padrões estabelecidos, para o "bem" da ciência, pela comunidade científica.

Nos últimos anos acompanhamos a criação de cursos e grupos chamados interdisciplinares. Os eventos, como congressos, simpósios e seminários, fazem questão de indicar suas características interdisciplinares. Sem dúvida, essa não é mais uma tendência, é uma realidade.

A complexidade que envolve os objetos de pesquisa da ciência acabam aproximando disciplinas que, via de regra, poderiam ser consideradas distintas. E, realmente, são distintas. Não são iguais. Por outro lado constituem uma rede de relacionamentos histórica e epistemologicamente fundamentados. Uma disciplina científica não surge do nada. Precisa ser estimulada. Precisa de pessoas dispostas a desenvolvê-la. E, principalmente, precisa ser suficientemente desenvolvida para cobrir a lacuna por ela mesma indicada.

Ao longo da história da ciência vemos uma série de movimentos de junção e disjunção disciplinares. Por vezes temos a reflexão como a mais alta forma de conhecimento e, por vezes, temos a prática como reveladora da verdade e, também, existem momentos em que não temos nem uma e nem a outra, apenas uma leve opinião do que “deveria” ocorrer.

Dentre as tantas questões relacionadas, podemos destacar a falta de participação efetiva de profissionais e pesquisadores da Ciência da Informação nos debates sobre Interdisciplinaridade, Multidisciplinaridade, Transdisciplinaridade e suas variantes no campo da Complexidade.

Poderíamos, nesse caso, argumentar que as relações disciplinares ocorrem nas próprias especialidades disciplinares, o que é plenamente legítimo e necessário, mas estaríamos, de certa forma, nos furtando à participação, ao diálogo e ao debate com outras disciplinas científicas.

Há uma cobrança na área sobre maior desenvolvimento de estudos teóricos, metodológicos e, por extensão, epistemológicos, porém, essa é uma tarefa complicada, pois, exige espaços de debate que não estejam sedimentados em

disciplinas especializadas da Ciência da Informação. Isso implica na criação de campos específicos para a discussão e a pesquisa das relações disciplinares, ou seja, a transformação de tais relações em objetos de pesquisas, indo além da revisão e atualização conceitual, tornando-se também uma realidade nos contextos de formação e prática profissional.

9 BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Miriam de Albuquerque (Org.). **O campo da Ciência da Informação: gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2002.

BUTLER, Pierce. **Introdução à ciência da Biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Lيدador, 1971.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.148-207, jan./abr. 2007.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Palas Athenas, 2009.

DAY, Ronald. LIS, method, and postmodern science. **Journal of Education for Library and Information Science**, v.37, n.4, p.317-324, 1996.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **O que é intedisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008a.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 15. ed. Campinas: Papyrus, 2008b. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

GARCÍA MARCO, Francisco Javier. Bases epistemológicas del ejercicio profesional. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. p. 9-38.

GOMES, Hagar Espanha (Org.). **Ciência da Informação ou Informática?** Tradução Hagar Espanha Gomes. Rio de Janeiro: Calunga, 1980.

GOMES, Henriette Ferreira. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **DataGramZero**, v.2, n. 4, ago. 2001. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/ago01/Art_04.htm>. Acesso em: 17 jun. 2011.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar: e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LOGAN, Robert K. **Que é informação?** A propagação da organização na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera. Tradução de Adriana Braga. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

LÓPEZ-HUERTAS, María José. Gestión del conocimiento multidimensional en los sistemas de organización del conocimiento. In: RODRÍGUEZ BRAVO, Blanca; ALVITE DÍEZ, Ma. Luisa. (Ed.). **La interdisciplinaridad y la transdisciplinaridad en la organización del conocimiento científico**. León: Universidad de León, 2007. p.1-26.

McGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Tradução de Helena Vilar de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MENOU, Michel J.; MCHOMBU, Kingo. Os profissionais da informação em comunidades desfavorecidas. In: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Org.). **Atuação profissional na área de informação**. São Paulo: Polis, 2004. p. 129-150.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

MORIN, Edgar. **Método 6**: ética. Tradução de Juremir Machado da Silva. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Uma profissão em evolução: profissionais da informação no Brasil sob a ótica de Abbott: proposta de estudo. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). **Profissional da informação: o espaço de trabalho**. Brasília: Thesaurus, 2004. p. 23-54. (Coleção Estudos Avançados em Ciência da Informação, v.3).

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Org.). **Ciência da informação, ciências sociais e interdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: IBICT, 1999.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro ; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 42-53, 1995.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, v. 1, n. 1, p.3-15, mar. 2005. Disponível em:
<<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/issue/view/23>>. Acesso em: 23 ago. 2010.

ROBREDO, Jaime. **Da Ciência da Informação revisitada aos sistemas humanos de informação**. Brasília: Thesaurus, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência – para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SARACEVIC, TEFKO. Interdisciplinary nature of information science. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p.36-41, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/530/482>>. Acesso em: 19 abr. 2012.

SMIT, Johanna W.; BARRETO, Aldo de Albuquerque. Ciência da Informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 9-23.

SMIT, Johanna W.; TÁLAMO, Maria de Fátima G. Moreira. Ciência da Informação: uma ciência moderna ou pós-moderna? In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy Pires (Org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p.27-45.

SOUZA, Edivanio Duarte de. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação**: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar. 2011. 346f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECID-8P2JNH/epistemologia_interdisciplinar_edivanio.pdf?sequence=1>. Acesso em: 07/03/2013.

TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (Org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007.

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v.29, n.2, p.229-239, 1993.